A CASA ÀS COSTAS

“Vi os búlgaros meterem água em vez de xixi no copo do teste. Fiz o mesmo. O médico: ‘Estás hidratado, mas para a próxima põe água quente’”

Fábio Espinho venceu duas ligas, uma taça e uma supertaça na Bulgária, mas o sonho de jogar na liga espanhola levou-o a trocar o Ludogorets Razgrad pelo Málaga, onde não conseguiu vingar. De regresso ao futebol português, destacam-se as três épocas que fez no Boavista, o clube onde ficou conhecido pelo megafone e de onde mais lhe custou sair. Na quarta época ao serviço do Feirense, diz querer ser treinador, assume que é agarrado ao dinheiro, mas que usou o

prémio da Liga dos Campeões para comprar o carro de sonho

ALEXANDRA SIMÕES DE ABREU 22.01.2023 ÀS 8H30

RUI OLIVEIRA

- LINK: https://tribuna.expresso.pt/a-casa-as-costas/2023-01-22-Vi-os-bulgaros-meterem-agua-em-vez-de-xixi-no-copo-do-teste.-Fiz-o-mesmo.-O-medico-Estas-hidratado-mas-para-a-proxima-poe-agua-quente-612366d6

Acabou por aceitar o convite do Ludogorets Razgrad, da Bulgária, porquê?

Primeiro rejeitei. Propuseram-me um salário, disse-lhes que por aquele valor não ia. O meu objetivo era

não ir, não queria sair de casa. Por isso pedi-lhes um valor a pensar que não iam dar. Mas ligaram a dizer que davam-me o que pedia. Vi-me numa situação em que tinha de ir. Passei uma semana em que nem comia, porque era mesmo contra a minha vontade, não queria mesmo ir. Tinha receio de não me adaptar. Respondi-lhes que não ia.

Como reagiram?
Ficaram chateados, claro, porque tinham acedido ao que pedi, sentiam que eu estava a gozar. Entretanto, tinha deixado aquela situação em banho-maria com o Arouca. Fui para o Algarve de férias e a minha esposa disse-me: “Acho que estás a ser burro em não aceitar a proposta da Bulgária. Ainda para mais estamos agora com uma filha pequena. Já vais fazer 28 anos, tens de começar a pensar também na parte financeira”. Caiu-me a ficha outra vez. Já tinha rejeitado há duas ou três semanas, mas liguei ao empresário. Disse-lhe que estava arrependido e perguntei se ainda havia possibilidade de ir para a Bulgária. Felizmente, as coisas correram bem e fui.

Sozinho ou com a mulher e filha?
Fomos os três. A Carolina ainda só tinha três meses.

Como foi o primeiro impacto?
Tenho uma imagem na cabeça de quando aterrava, olhei pela janela do avião e vi Sófia. Estava sozinho,

ia para assinar. É uma cidade muito bonita, mas quem chega e vê aquilo tudo muito antigo, prédios muito velhos e partidos, foi uma imagem chocante para mim, só pensava, vou ter de ficar aqui a viver dois anos, no mínimo. Quando entrei no hotel, fui ao último andar, tinha uma vista panorâmica sobre a cidade e fiquei uns 20 minutos a olhar lá para fora, a pensar, a chorar, com receio, mas, ao mesmo tempo, com vontade. Era um turbilhão de emoções.

Como era o seu inglês?
Era muito limitado, só sabia coisas muito básicas. A Sara falava bem inglês. Mas, com a necessidade, fui aprendendo.

A sua mulher trabalhava?
Sim, ela tem o curso de professora primária, com variante de Educação Física. Chegou a dar aulas, mas na altura trabalhava num ginásio, em Espinho, e deixou para ir comigo.

Fábio Espinho chegou ao Ludogorets Ragrad, da Bulgária, em 2013/14 **EUROFOOTBALL**

A adaptação à Bulgária correu bem?
Tínhamos um ambiente muito familiar, porque havia muitos estrangeiros. Na minha equipa éramos sete brasileiros, dois portugueses, um espanhol, um colombiano, estamos a falar de 11 jogadores que se entendiam bem porque falavam praticamente a mesma língua. Fazíamos questão de muitas vezes nos juntarmos em casa uns dos outros. Minimizava as saudades da família e dos amigos.

Que tal a vida na cidade de Razgrad?
É uma cidade do interior, tipo Arouca. Era muito velha, muito antiga e começou a evoluir devido ao clube. O Ludogorets começou a ter vários êxitos, nacional e internacionalmente e a própria cidade foi-se desenvolvendo. Só havia um bar-café moderno e toda a gente procurava aquele, mas depois abriu um italiano, basicamente para dar apoio aos jogadores, a partir daí os próprios búlgaros começaram a investir por causa disso.

E o futebol?
Eu estava no campeão búlgaro, o presidente tentava contratar os melhores búlgaros e bons jogadores estrangeiros. Tínhamos as melhores condições da Bulgária, um centro de estágio novo, onde não faltava nada. O presidente tinha um escritório em Madrid e o que o Real Madrid tinha ele também achava que devia ter. Comprava tudo o que fosse preciso para

nos ajudar, fosse ao nível de treino ou de recuperação, por exemplo. A equipa jogava um futebol de ataque, atrativo. O nosso primeiro treinador tinha feito estágio no Barcelona e guiava-se muito pelas ideias do Barcelona de Guardiola. Jogávamos muito. Tanto que fizemos uma Liga Europa top e, no ano seguinte, fomos à Liga dos Campeões.

Como foi ganhar um primeiro título nacional?
Era algo que também queria muito. Eu gosto de lutar por metas e esse era um objetivo. Fui campeão, ganhei uma taça, uma supertaça.

Os adeptos búlgaros eram muito exigentes?
Os nossos adeptos eram poucos porque era um clube de uma cidade pequena. O presidente é que fez do clube, grande. Os adeptos eram pessoas humildes, que não exigiam grande coisa de nós. Jogávamos com equipas como o CSKA Sofia e o Levski, as chamadas grandes, em que, aí sim, a exigência é enorme, tem de haver resultados e exigem-se títulos; para nós a exigência vinha da parte da direção, que fez um forte investimento. A pressão nunca vinha do exterior, vinha de dentro. Jogávamos no campo de cabeça limpa, sem haver aqueles assobios e piropos do público.

Fábio (à direita) jogou contra Luka Modric e o Real Madrid na Liga dos Campeões em 2014 D.R.

Visitou o país com a família ou deixaram-se ficar quietos em Razgrad?

Sófia ficava a 350km e nós jogávamos muitas vezes lá. Como a viagem era comprida, íamos dois ou três dias antes e davam-nos liberdade. As nossas famílias acompanhavam-nos muitas vezes. Quando tínhamos jogos das competições europeias e no fim de semana jogo do campeonato lá, ficávamos a semana toda. O nosso estádio não tinha condições para receber os jogos das competições europeias, por isso jogávamos no estádio nacional de Sófia. As famílias iam também e dava para conhecer e passear.

Tem histórias para contar desses tempos na Bulgária?
Tenho uma engraçada. No Ludogorets era normal fazermos um teste antes dos jogos para verem se estávamos hidratados. O teste normalmente era feito na véspera do jogo, no hotel onde estávamos a estagiar. O médico dizia-nos para nos hidratarmos bem, para a urina ficar clarinha. A primeira vez que fui, cheguei ao quarto do médico, peguei no copo, fui à casa de banho urinar para o copo e comecei a reparar que os meus colegas, mais os búlgaros, não urinavam, mas metiam água da torneira. Achei aquilo um bocado estranho. O que é certo é que os resultados deles eram sempre bons, estavam sempre bem hidratados enquanto a mim aconteceu uma vez ou outra ser chamado à atenção pelo médico para me hidratar mais. Pensei: “Ai isto funciona assim?”. No próximo jogo, dirigi-me ao quarto do médico, fui à casa de banho e para fazer igual aos búlgaros, abri a torneira, pus água dentro do copo e entreguei ao médico. Ele está a fazer o teste e de repente diz: “Muito bem Fábio, estás hidratado, mas para próxima põe água quente, não metas água fria” [risos]. A urina é quente por isso ele percebeu logo que eu meti água da torneira [risos]

Assinou por duas épocas. Não continuou porquê?
Para tudo há um ciclo. Felizmente consegui impor-

me, não logo de início porque senti algumas dificuldades, mas passados dois, três meses…

Na Bulgária, Fábio (à direita) conquistou dois campeonatos, uma taça e uma supertaça, pelo Ludoorets D.R.

A que dificuldades se refere?
A língua por si só é um entrave. Estares dentro do campo e aquelas informações básicas, “esquerda, joga, passa”, parece que não, mas são muito importantes e se não percebes o que te dizem, parece que estás perdido dentro do campo. É difícil. Mas fui tomando conhecimento dessas palavras básicas, os próprios brasileiros ajudaram-me muito, traduzindo o que o treinador queria. Foram dois, três meses para me adaptar. Depois as coisas começaram a fluir naturalmente, tanto que no primeiro ano fiz 55 jogos. Fomos até aos oitavos de final da Liga Europa, eliminámos o PSV Eindhoven, a Lazio, e fomos eliminados pelo Valência. Fomos campeões e ganhámos a Taça. No segundo ano ganhámos a Supertaça e fui campeão outra vez, joguei a Champions, sendo que nunca nenhuma equipa da Bulgária tinha entrado na Liga dos Campeões. Joguei os jogos todos da Liga dos Campeões.

Quando o contrato terminou, o que aconteceu?
Tive proposta de renovação, inclusive para melhorar contrato, davam-me mais dois anos, mas aí fiz uma coisa que vai um bocadinho contra os meus princípios. Ou segues os teus princípios, ou segues os teus sonhos. Dei o sim à proposta da renovação, mas no final da época o meu empresário não conseguiu lá ir para firmarmos a renovação e como eu casava nesse verão, vim embora e ficou decidido

assinar quando voltasse. Na semana em que casei surgiu a possibilidade de ir para o Málaga. Abanei. Meti as coisas na balança. Ou continuava no Ludogorets a quem já tinha dado a palavra ou ia concretizar o sonho de jogar na Liga espanhola. Foi uma decisão muito difícil para mim, mas eu tinha de seguir os meus sonhos, há coisas na vida que só acontecem uma vez, se eu não fizesse aquilo jamais iria fazer.

O médio ofensivo foi para o Málaga em 2015/16 D.R.

la ganhar mais ou menos para Espanha?

O contrato era equivalente, foi mais uma opção de carreira do que financeira.

Está arrependido dessa opção?

Não estou arrependido porque fui atrás de um sonho,

agora, sabendo o que sei hoje, arrependo-me um pouco porque passei dois anos fantásticos no Ludogorets em que não me faltava nada, podia ter tido um futuro melhor e troquei por um clube que joga numa das melhores ligas, o sonho de qualquer jogador, mas onde as coisas não correram tão bem.

Não correram bem porquê?
Não fluíram, não fui tantas vezes opção. Nunca me tinha deparado com uma situação dessas, porque sempre joguei. OK, há ali um momento ou outro na época em que vamos para o banco, é normal, mas quando digo não jogar, eu não jogava mesmo. Estreei-me à 9.ª jornada.

Tem ideia por que não era opção?
O diretor-desportivo não me disse diretamente, mas deu-me a entender que houve um conflito na ida para o Málaga. O que senti é que fui uma contratação do diretor-desportivo e não do treinador. E eu é que paguei. Mas nada contra o treinador, o Javi Gracia, com quem adorei trabalhar. Chegou a janeiro, e como nunca tinha estado naquela situação de ficar tanto tempo sem jogar, pedi para sair e ser emprestado. Vim para o Moreirense.

Antes de irmos ao Moreirense. Como foi a adaptação da família à Espanha?
Sou da zona da praia, vou para Málaga, praia, por

isso estava em casa. O idioma é parecido, a comida também. Foi tudo top. Tinha lá o Ricardo Horta, o Duda, o Flávio, o central o Wellington, que jogou em Portugal, o Charles, alguns jogadores que ajudaram não só na parte profissional, mas também familiarmente, o qual é muito importante. Às vezes as pessoas esquecem-se do lado da mulher; a mulher não pode ficar apenas em casa, sem fazer nada, é importante ela ter pessoas com quem falar, ter algo para fazer e, felizmente, tivemos isso lá.

Com a mulher e os dois filhos D.R.

O futebol espanhol correspondeu às expectativas?

Sem dúvida, foi um sonho. Julgo que me adaptei bem ao futebol espanhol, mas aos olhos do treinador não sei, não posso responder. Em meio ano, infelizmente, só fiz três jogos. Tinha assinado por dois anos, mas pedi para sair porque queria jogar.

Quando pediu para sair já sabia do interesse do Moreirense?
Claro, já tinha o Moreirense de antemão. Não podia pedir para sair sem ter nada. O Rodrigo Battaglia tinha saído do Moreirense para o SC Braga e como eu seguia o clube, entrei em contacto com o filho do presidente. Fui muito frontal. Disse que não queria continuar em Málaga porque queria jogar e que se eles quisessem, uma vez que tinham perdido um médio ofensivo mais ou menos com as minhas características, eu estava disponível para regressar. Ele falou com o pai e pronto, foi rápido.

Foi bem recebido pelo Miguel Leal, em Moreira de Cónegos?
Correu bem. Ao início não peguei logo de estaca até porque eu não vinha de jogar e os meus índices físicos não estavam no melhor nível, mas passado pouco tempo comecei a jogar e fiz o resto da época.

Tinha sido emprestado só até final da época?
Exatamente. Na minha cabeça pensava, vou ser emprestado meio ano e apresento-me na pré-época

no Málaga, para jogar no segundo ano. Mas houve uma mudança na estrutura do Málaga, a direção, o diretor-desportivo mudaram e recebi uma chamada a dizer que não contavam comigo para os planos da próxima época. Deixei andar, para ver o que surgia. Surgiu um convite do Hajduk Split, da Croácia, mas como eu tinha contrato com o Málaga não estava muito preocupado. E queria ficar perto de casa. Ou valia mesmo a pena a nível financeiro ir para longe ou pelos valores que o Málaga me pagava, preferia estar aqui. Fiz a pré-época com eles, sempre a informarem-me de que eu não contava, mas eu tinha em mente dar-lhes a volta e mostrar estarem enganados.

Quem era o treinador?
Era o Juande Ramos. Ele falou uma vez comigo na pré-época, disse saber da minha situação, que estando ali ia ser um igual aos outros. Aquilo deu-me alguma esperança. Mas já tinham decidido na estrutura que eu não ficava. Entretanto, surgiu o interesse do Boavista. Coincidências, o meu pai era boavisteiro. Rescindi com o Málaga, assinei dois anos pelo Boavista. Perdi dinheiro, mas algo me dizia que eu tinha de ir para o Boavista. Acho que houve logo uma empatia grande mal cheguei, mesmo com o presidente. Quando lhe disse que o meu pai era boavisteiro e já tinha falecido, ficou contente por eu estar ali.

F.ESPINHO
10
SNT

Em 2016/17, Fábio Espinho ingressou no Boavista D.R.

O treinador era o Sánchez?

Sim, mas ele saiu a meio e veio o Miguel Leal que já conhecia do Moreirense.

Ficou três épocas no Boavista. Quais os momentos mais marcantes?

O dia em que fui assinar, estar lá em cima no gabinete do João Loureiro a olhar para o estádio, marcou-me. Os golos que marquei ao Benfica e ao V. Guimarães marcaram-me bastante. Houve outra situação também que me marcou, a do megafone.

Conte lá isso.

Num dos Natais que passei lá, penso que foi na segunda época, a estrutura teve a ideia de os jogadores desejarem Feliz Natal aos adeptos e à claque "Panteras Negras", através de um vídeo em que nós, jogadores, fazíamos de claque. Obra do acaso, eu era o líder da 'claque', com o megafone. A claque reparou que nós sabíamos as músicas que eles cantavam. Eles têm uma música que ainda hoje cantam no final dos jogos, "Muitos não vão entender…". Após esse vídeo, há um jogo em que recebemos o SC Braga. O jogo estava 1-1, há um penálti na baliza dos "Panteras Negras" e eu falhei. A seguir o SC Braga com 10, dá a volta ao resultado e ganhou. Senti-me parte da derrota. Os adeptos são fervorosos, exigem, fiquei um bocado abanado e a

pensar, vão cair em cima de mim. Estamos ali todos juntos no final e eles começaram a chamar-me para subir o muro e ficar à beira deles com o megafone, a cantar. Foi um gesto top para comigo, que vai ficar marcado para sempre. Comecei a chorar e tudo. São coisas que ficam.

O que tem a dizer dos treinadores que teve no Boavista?
Gostei de todos. Não consigo dizer que não gostei de um treinador, porque todos têm aspetos positivos e negativos. Óbvio que há sempre uns de quem gostamos mais do que outros. Gostei bastante de trabalhar com o Jorge Simão. Tinha uma excelente relação com ele. Dá-me pena ele estar fora do ativo. Pelas épocas que fez fico admirado com isso, mas não sei se é uma opção pessoal ou por falta de convites. Mas foi uma pessoa que me marcou pela forma de trabalhar e liderar.

Fábio (de frente à esquerda) a festejar um golo com os colegas do Boavista D.R.

No início da quarta época só fez um jogo para a Taça da Liga. Porquê? O que levou a sair do Boavista?

Eu já olhava para o Boavista como a minha casa, pensava ficar por ali, terminar lá a carreira, porque sentia uma simpatia forte dos adeptos, empatia da direção, no fundo estavam reunidas todas as ferramentas para eu continuar por lá. Esse quarto ano não começou da melhor maneira porque houve movimentos estranhos. Senti que estava a perder o meu espaço, mas sentia-me ainda em condições para jogar e quis procurar novos rumos.

Que movimentos estranhos eram esses de que fala?
Prefiro não entrar por aí. Mas posso dizer que foi o clube de onde mais me custou sair. Quando cheguei a casa eu e a minha mulher ficámos a chorar no sofá, gostávamos muito de lá estar. As coisas não correram como eu estava à espera no início daquela época. Foi-me informado que o meu espaço estava a terminar e eu também não queria ser mais um, nem alguém que estivesse a prejudicar.

Quem iniciou aquela época como treinador?
O Lito Vidigal. Saí por ainda me sentir útil, gostar de jogar e achar que poderia fazê-lo. Tanto é que passaram quatro anos e ainda jogo. Mas custou-me bastante.

10
axpo
somos tinta

O medio ofensivo a entrar no estádio do Bessa com os filhos FÁBIO POÇO

Que propostas teve na altura? Só do Feirense?
Sim, na altura surgiu o Feirense, que tinha um forte investimento para subir de divisão. Tinha um bom treinador, o Filipe Martins, cujo trabalho eu conhecia. Apesar do insucesso da descida, era um treinador novo, moderno, que praticava um bom futebol. Eu achava que me enquadrava na filosofia dele. Aos 34 anos, o Feirense ofereceu-me um contrato de dois anos, mais um de opção. Eu tinha de olhar para o meu futuro.

Não lhe custou regressar à II Liga?
Com a idade que tinha, já não estava para fazer carreira. A minha carreira estava feita, aquilo que tinha para conquistar já tinha conquistado. Por isso, tinha de olhar mais para a minha família, para mim, para a parte financeira, foi o que aconteceu.

Voltou a ser pai?
Sim, o Luca nasceu em 2017, estava ainda no Boavista.

Disse que tinha assinado por duas épocas, mais uma. Esta é a última, certo?
Esta já é a quarta. Eu assinei dois anos e o meu contrato era feito por objetivos no meu segundo ano. O Feirense lutava para subir, eu auferia um salário

alto, mas no terceiro ano houve uma mudança de paradigma, já não era para subir. O meu contrato do terceiro ano, o de opção, foi exercido por atingir os objetivos do segundo ano, fiz 75% dos jogos. No terceiro ano, como eu auferia um salário muito elevado para o orçamento do clube, chegámos a um acordo: eu reduzia o salário para quase metade, mas aumentava um ano de contrato. Daí estar agora no 4.º ano.

Sente que o final da carreira está a chegar?
Tenho consciência que já estou em final de carreira. Mas tenho boa relação no clube, com todos. Sempre soube estar e criar boa relação com todas as pessoas pelos clubes por onde passei. Criei laços com todos, com os meus colegas de balneário e com as outras pessoas que trabalham no clube, o *feedback* dos adeptos é positivo, excetuando às vezes um piropo ou outro que vem da bancada, que é normal. É uma realidade diferente, é um clube que não tem tantos adeptos, é pequenino, mas é um clube que tem um centro de treinos que muitos na I Liga não tem. Dão esse tipo de condições aos jogadores, o que também é atrativo. E estar perto de casa também pesou na balança.

Acaba contrato esta época, a sua perspetiva é continuar a jogar ou pendurar as chuteiras?
Este ano acabei o curso de treinador de nível II.

Tenho o sonho de passar para a parte do treino, mas ainda não sei como vai ser, no final da época logo decido. Depende de como me sentir e do que aparecer.

Significa que já pensou no seu futuro pós-carreira de futebolista.
Sim, claro. Gostava de fazer parte de uma equipa técnica, no mínimo, a princípio não queria ficar sem nada. Estou a tentar preparar-me o máximo possível.

Os dois filhos de Fábio: Luca e Carolina D.R.

Onde ganhou mais dinheiro até agora?
No Málaga.

Qual a maior extravagância que fez na vida porque sim, porque podia?
Sou muito agarrado, não sou muito de extravagâncias. Mas com o prémio da Liga dos Campeões comprei o meu carro, um Audi A7.

Tem investido?
Já tivemos uma loja de roupa e não correu bem, fechei. Tenho um apartamento e uma casa pagos, e é isso.

A sua mulher voltou a trabalhar?
Sim, vende Bimby's. Tens Bimby? [risos]. A Bimby é um part-time, porque ela dá formações.

Tem algum hóbi?
Gosto muito de jogos, tipo Playstation, de computador, sou viciado em jogos.

Tatuagens?
Tenho uma da minha Carolina. Ainda não fiz a do Luca e ele está sempre a dizer-me. Mas eu tenho medo. Doeu-me, doeu-me bastante [risos]. Tenho de fazer, mas não tenho coragem.

É um homem de fé, acredita em Deus?
Não.

Superstições?
Tenho o hábito de me benzer quando entro em campo. A minha mulher também goza, “Mas tu dizes que não tens fé e benzes-te?”, mas eu acho que aquilo já é rotina, já sai automático. Quem me

conhece sabe que não sou de grande fé, eu acredito nas minhas coisas.

Que coisas são essas?
O meu trabalho.

Segue ou pratica outra modalidade além do futebol?
Nada, porque não posso, porque eu gosto de jogar tudo. Mas o futebol não permite, tenho receio de me magoar então não faço, pelo menos enquanto a época decorre. No verão gosta de jogar ténis, padel, futvólei, tudo o que seja desporto eu gosto.

Fábio, mostra algumas das camisolas que guarda em casa RUI OLIVEIRA

O clube de sonho onde gostava de ter jogado?
Real Madrid.

Quais são as maiores amizades que fez no futebol?
Eu faço amizades em todo o sítio, tenho muitos amigos, não posso especificar senão ia ser muito injusto.

A maior frustração na carreira?
Não ser internacional. Nunca fui chamado, mesmo fazendo 14 anos no FC Porto. Fui treinar apenas aos sub-20, já estava na equipa B, mas nunca fui internacional. Tenho uma grande revolta em relação a isso.

O momento mais feliz da carreira?
Jogar a Liga dos Campeões.

Além do Espinho, tem ou teve alguma alcunha?
Não. O Espinho foi o Freitas que me colocou logo no início, quando fui para o FC Porto, porque havia lá vários Fábios.

O que pensa do VAR?
É um pau de dois bicos. Eles também erram. Mas acho que é uma boa ferramenta porque há muito erro que sem VAR era impossível de detetar e com o VAR

só mesmo as decisões muito minuciosas é que são discutíveis. O VAR ajuda bastante. Há muito lance de fora de jogo que não existiria sem o VAR. Mas o erro humano vai sempre existir.

Tem algum talento escondido?
Acho que descobri o talento da cozinha. Com a ajuda da Bimby. Eu era um zero à esquerda na cozinha e agora já faço algumas coisas. Não são pratos elaborados. Mas chegar ao ponto de a minha mulher dizer “temos de fazer sopa” e eu dar o passo em frente e fazer, isso era impensável há uns anos. E faço mesmo com gosto, portanto, acho que está aqui um talento escondido.

Se não fosse jogador de futebol, o que teria sido?
Sei lá, nunca fiz outra coisa que não fosse jogar futebol, nem nunca pensei nisso.